

A T A S

1 **Ata da 2ª sessão (EXTRAORDINÁRIA) da Congregação, realizada aos 28/06/2018, no**
2 **Salão Nobre da FFLCH - Rua do Lago, 717 - sala 145 - Prédio da Administração da**
3 **FFLCH - USP, sob a presidência da Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda,**
4 **Diretora da Faculdade com a presença dos membros:** Alex de Campos Moura, Alvaro de
5 Vita, Ana Paula Torres Megiani, Andre Vitor Singer, Antonio Carlos Colangelo, Antonio
6 Gabriel Pontes e Dechiche, Beatriz Perrone Moisés, Betina Bischof, Edelcio Gonçalves de
7 Souza, Evani de Carvalho Viotti, Fernando Rodrigues Junior, Gabriel Delatin de Toledo,
8 Gabriela Dib Jannini, Gabriela Macedo Pereira de Souza, Homero Silveira Santiago, João
9 Carlos Borghi Nascimento Bruder, Junko Ota, Lenita Maria Rimoli Esteves, Luiz Sergio Repa,
10 Marcio Ferreira da Silva, Maria Célia Pereira Lima Hernandez, Maria Clara Paixao de Sousa,
11 Mario Ramos Francisco Junior, Marta Inez Medeiros Marques, Misleide Rosa Fernandes,
12 Mona Mohamad Hawi, Oliver Tolle, Paulo Martins, Raquel Reis Fernandes, Rosangela
13 Sarteschi, Ruy Gomes Braga Neto, Safa Alferd Abou Chahla Jubran, Sylvia Maria Caiuby
14 Novaes, Vanessa Martins do Monte, Veronique Marie Braun Dahlet, **Como assessores**
15 **atuaram:** Eliana Barros, Juliana Costa, Maria das Graças Ribeiro dos Santos, Normando Peres,
16 Rosângela Duarte Vicente. **1 - PAUTA ÚNICA. 1.1 - CONSTITUIÇÃO DE GRUPO DE**
17 **TRABALHO PARA PROPOR PROTOCOLOS DE AÇÃO NA FFLCH. Diretora:** “Boa
18 tarde, começamos agora a nossa segunda sessão extraordinária da Congregação da Faculdade
19 de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, que tem como única pauta a constituição de grupo de
20 trabalho para propor protocolos de ação na faculdade. Isso foi uma sugestão que surgiu da
21 última Congregação, porque, como todos sabem, a faculdade está passando por uma
22 dificuldade transitória - embora seja recorrente na faculdade de filosofia -, que são os
23 fechamentos de espaços. Independentemente da existência de paralisações e greves - que, volto
24 a afirmar, nem a direção tampouco a comunidade da faculdade de filosofia é contra – mas
25 também em função disso, na medida em que este tipo de acontecimento tem sido não só
26 repetitivo, como tem posto em questão o que são os direitos em relação aos espaços públicos, a
27 última Congregação votou por uma sessão extraordinária da nossa Congregação para que
28 pudéssemos pensar um grupo de trabalho que concebesse alguns protocolos de atuação e ação
29 diante dessas circunstâncias, como as que estamos vivendo. A direção acolheu a solicitação,
30 como cabe à direção. Uma vez votado e acordado na Congregação, cabe à diretoria agir diante
31 das decisões do conjunto. Antes de mais nada, quero justificar ausências dos professores:
32 Sandra Vasconcellos, Juliana Ragusa, Wagner Costa Ribeiro, Elisabeth Harkot de La Taille,
33 Maria Augusta da Costa Vieira, Sara Albieri, Valéria de Marco, Elias Thomé Saliba, Andreas
34 Attila Miklos, Mario Eduardo Viaro, Elisabeta Santoro, Esmeralda Negrão e da representante
35 discente Laíza Santana. Eles justificaram ausência e é claro que, diante de uma Congregação
36 extraordinária, as pessoas já tinham agendas prévias. Terça feira passada houve uma reunião do
37 Conselho Universitário, isso será depois relatado pelo professor André, nosso representante,
38 mas eu queria chamar atenção para dois pontos. O primeiro ponto é as dificuldades financeiras
39 da Universidade de São Paulo, que, de fato, não foram superadas, e são muito profundas. Na
40 última Congregação nós discutimos com certa consciência que, no âmbito da diversidade que
41 compõe a Universidade de São Paulo, nós temos algumas questões que são muito particulares.
42 Primeiro que nós somos uma comunidade de professores em RDIDP e isso, claro, implica em
43 restrições orçamentárias que impactam sobre os rendimentos dos professores, porque essa
44 realidade não é a realidade do conjunto da universidade. Em função do fato de eu compor hoje
45 a Comissão de Assuntos Acadêmicos da USP - uma comissão que não só está ligada à
46 avaliação como também é aquela que decide cargos de professores titulares e claros -, eu sei
47 que para a faculdade se situar bem diante da universidade ela precisa ter força política. Porque
48 atualmente ela é uma instituição conflitada, e está politicamente muito enfraquecida. Disse isso
49 na última Congregação e dei exemplos; a faculdade não possui nenhuma posição de relevo
50 decisória no âmbito da Universidade de São Paulo. Isso quer dizer que nós perdemos força
51 política. Mas isso não quer dizer que isso signifique que somos uma instituição que não tenha

A T A S

52 uma perspectiva crítica – pelo contrário: isso é da natureza mesmo do que fazemos, e isso
53 também é da tradição da faculdade de filosofia. Todavia, é também da tradição da faculdade de
54 filosofia o diálogo, a relação entre posições diversas e plurais, a capacidade de estabelecer uma
55 maneira de ouvir e de poder discutir as questões fundamentais da sua instituição e desta
56 sociedade contemporânea, que refletem aqui dentro. Mas isso não tem sido possível atualmente
57 no âmbito da faculdade de filosofia. Espaços fechados é a maior expressão dessa dificuldade,
58 que é não reconhecer posições diversas. Eu quero insistir que o departamento de filosofia
59 praticamente inteiro se manifestou contra o fechamento dos espaços. Houve um abaixo
60 assinado que pegou grande parte do corpo docente da faculdade contra os espaços fechados, e
61 nós continuamos com o prédio das letras fechado e com as cadeiras empilhadas no acesso aos
62 corredores da filosofia. Não pensem vocês que isso nos ajuda. O comprometimento
63 orçamentário da USP é de tal nível que sequer está claro, foi essa minha interpretação, se nós
64 vamos conseguir manter este pequeno orçamento que temos hoje. Na minha visão, algum
65 contingenciamento está aí no horizonte. Os contingenciamentos atingem, sobretudo,
66 instituições como a nossa. Eu quero dizer a vocês, em última instância, que a tradição da
67 faculdade de filosofia é a da palavra, é do diálogo. Não dá para ouvir no Conselho Universitário
68 frases do seguinte tipo, em relação aos professores, proferida pela representação funcional:
69 *‘vocês são uma casta de parasitas’*. Um doutor que tem um salário inicial que tem, e os
70 titulares – que é o topo da carreira – que têm o salário final que têm, bem, não se trata de
71 nenhum parasita. Quero dizer a vocês que, por solicitação do professor André Singer dentro do
72 Conselho Universitário, eu solicitei à Rosângela, nossa assistente acadêmica, que mandasse,
73 para dar instrumento aos nossos argumentos no Conselho, a participação dos cotistas nos cursos
74 da faculdade de filosofia. É claro que a porcentagem de cotistas aqui envolve escola pública e
75 PPI, está somado. A professora Mona está fazendo um ótimo trabalho para mostrar todas essas
76 diferenciações, e eu vou falar rapidamente para vocês. Filosofia tem 170 vagas, 98 são cotistas,
77 o que significa 57,65% de cotistas; dos ingressantes de 2018, tá? Geografia tem 170 vagas, 99
78 são cotistas, o que significa 58,23% de cotistas. História tem 270 vagas, 140 estudantes são
79 cotistas, o que significa 51,85%. Ciências sociais são 210 vagas, 101 são cotistas, o que
80 significa 48,09% de cotistas. Letras são 849 vagas, 696 cotistas, o que significa 81,98% de
81 cotistas. Isso quer dizer que a faculdade tem um desafio enorme: o desafio de oferecer
82 condições para que esses estudantes recebam auxílio e apoio para continuar os seus estudos – é
83 a função social da faculdade, a qual nós não abrimos mão. Mas para fazer isso, a faculdade não
84 tem recurso. Nós estamos pintando o prédio da geografia e da história. Na festa do fim de
85 semana, pixaram em cima da pintura. Se as chefias daquele prédio não tomarem providências, a
86 direção não tem mais o que fazer. Isso não é do recurso da reitoria, é da faculdade. Nós temos
87 que discutir maneiras de enfrentar as nossas questões, para que possamos fazer frente à questão
88 dos cotistas, que é muito mais importante do que tudo que estejamos imaginando neste
89 momento. Isto é uma instituição pública, nós temos que dar respostas públicas. Como disse o
90 grande sociólogo Francisco de Oliveira: *‘de um país cujo PIB está superando a Inglaterra, mas
91 tem padrões de desigualdade dos países mais pobres da África’*. Isso dito, para terminar, quero
92 dizer que eu recebi esse comunicado do CAF, que é o seguinte: *‘Solicitação de reunião para
93 explicitação das pautas específicas aos cursos da FFLCH em greve. Vimos por meio deste,
94 requisitar oficialmente reunião com a diretora Maria Arminda (em especial solicitamos a
95 presença integral da diretora) e de demais representantes de cargos de chefia da direção da
96 FFLCH, para apresentação das pautas específicas do curso da filosofia. Mas também,
97 queremos que o pedido desta reunião com a filosofia, possa ser um convite ampliado aos
98 cursos da FFLCH, pois estamos em articulação de pautas em conjunto. O pedido é feito fruto
99 da abertura proposta pela diretora em aparição no Prédio do Meio na segunda feira última
100 (18/06/2018), na qual a proposta foi feita e depois levada à Assembleia Geral de Estudantes da
101 Filosofia e aprovada por unanimidade. A intenção da reunião é apresentar as pautas e nas
102 quais sejam necessárias articulações com pró-reitorias ou a reitoria (Vahan), solicitar que a*

A T A S

103 *direção da FFLCH possibilite essas agendas. Solicitamos então, reunião com indicativo de*
 104 *data para o dia 27/06/2018 no período da tarde, com presença integral da diretora Maria*
 105 *Arminda e abertura para participação de todos os cursos da FFLCH. Anexos a este ofício a*
 106 *serem protocolados em conjunto (passíveis de serem anexados futuramente através da*
 107 *referência do ofício 003/18 do CAF à Direção da FFLCH): Pautas específicas da filosofia;*
 108 *Pautas específicas de outros cursos da FFLCH'. Eu respondi: 'Por determinação da*
 109 *Congregação e do CTA, informo que esta Diretoria estará aberta ao diálogo, desde que os*
 110 *prédios sejam integralmente desobstruídos'. Foi essa a determinação, e que a direção segue, até*
 111 *porque não lhe cabe tomar nenhuma medida contra os órgãos superiores da universidade. É*
 112 *dentro deste espírito que esta é uma reunião de boa vontade, que também foi determinada na*
 113 *última Congregação, há uma semana atrás, que nós pudéssemos fazer uma reunião*
 114 *extraordinária para que pudéssemos chegar a um grupo de trabalho que não é deliberativo –*
 115 *quem delibera é a Congregação -, mas de estudos e sugestões, para que no futuro nós não*
 116 *tenhamos que viver impasses dessa ordem. Não gosto de discursos catastrofistas; eu sou uma*
 117 *pessoa que gosta de pensar o futuro. Estou falando com sinceridade, espero que acreditem. O*
 118 *problema é que o panorama da Universidade de São Paulo não é bom, e o da faculdade de*
 119 *filosofia é pior ainda. Não é possível que uma instituição que tenha a tradição do pluralismo, da*
 120 *diversidade, da crítica como estando no centro mesmo da sua ação, não possa voltar a constituir*
 121 *bons termos de convivência. Agradeço muito a todos aqui presentes nesta reunião*
 122 *extraordinária.”. **Prof. Paulo Martins:** “Sugerindo um encaminhamento, me parece que seria*
 123 *interessante nós, por alguns minutos, recuperarmos a discussão, que foi iniciada pelo professor*
 124 *Ruy Braga, e depois pelo professor André Singer, de forma a estabelecer este grupo de*
 125 *trabalho. Então, eu creio que, primeiramente, nós possamos fazer uso da palavra por parte dos*
 126 *dois, para recuperarmos rapidamente qual era a ideia central e, depois, nós começamos a tomar*
 127 *as ações necessárias para a constituição.”. **Gabriela Jannini – representante discente***
 128 **Ciências Sociais:** “Boa tarde, eu sou Gabriela, representante discente da ciências sociais.
 129 Quereria, na verdade, falar em nome de dois representantes discentes – uma dela está aqui e o
 130 outro lá fora. Por causa dessa alteração no regimento dos representantes discentes, o problema é
 131 que os representantes eleitos no final de 2017 não estão exercendo o seu mandato ainda, porque
 132 a eleição oficial de reitoria acontece em agosto só. Então eu e a Raquel não deveríamos nem
 133 estar aqui, conforme o que foi decidido na eleição organizada pelos estudantes. Então, para
 134 resolver este problema – e nós sabemos que grande parte disso não é responsabilidade da
 135 direção -, nós definimos, em encontro com os estudantes das ciências sociais, que o novo
 136 representante discente eleito, que é o Davi, possa entrar na Congregação e, inclusive, participar,
 137 mas que nós exerçamos a função mais burocrática. E outra coisa, para falar sobre a Karen, é a
 138 questão que já explicamos na semana passada, de que a Thais, da geografia, foi para o
 139 intercâmbio, e eles fizeram a escolha de uma nova representante, e eu queria solicitar ao menos
 140 a presença dela e de seu suplente, que está lá fora, aqui na Congregação. E queria solicitar
 141 também o direito de voz...”. **Rosângela Vicente:** “O mandato dos atuais RDs não está vencido,
 142 está válido. Todos os mandatos tem vigência válida até o final de agosto. Nós já publicamos
 143 nova portaria que foi divulgada, já estamos com inscrições abertas para novas eleições, que será
 144 agendada para o final de agosto. Neste meio tempo, a RD de geografia – única, não havia
 145 suplência – saiu em intercâmbio, a Congregação foi consultada e autorizou a Karen ou o
 146 suplente dela estarem presentes até a eleição. O pedido de vocês agora é outra situação: vocês
 147 têm representação válida, então se vocês já fizeram eleição, essas pessoas que foram eleitas
 148 devem se inscrever e participar da eleição que irá ocorrer no final de agosto.”. **Diretora:** “O
 149 caso, portanto, da Karen, é diferente, porque ela ainda não foi homologada, mas foi eleita. No
 150 caso do Tomás, ele não foi eleito, não se inscreveu ainda, então eu não sei. São dois casos
 151 diferentes.”. **Gabriela Jannini:** “Na verdade, em 2016 e 2017, enquanto meu cargo me da
 152 Raquel ainda não tinham sido homologados, e eram os representantes anteriores
 153 institucionalmente reconhecidos – Guilherme e Adriana -, nós fazíamos isso que estamos

A T A S

154 pedindo agora, eles entravam e nós entrávamos junto, e eles exerciam o papel burocrático. É
155 um pedido simples, é só para o Tomás poder entrar e acompanhar.”. **Diretora**: “Na verdade,
156 não é a direção que decide, mas sim o plenário. Eu consulto esta Congregação sobre esse fato.
157 Pode entrar.”. **Gabriela Jannini**: “Sobre o direito à voz da Karen, isso se mantém, certo?
158 Porque na semana passada já havíamos feito isso.”. **Diretora**: “Isso, tem direito à voz, mas não
159 à voto.”. **Ruy Braga**: “Eu fiz a proposta na reunião passada da Congregação, então agora vos
160 falo apenas para resgatar o espírito da proposta que foi apresentada. A rigor, a proposta deriva
161 de um processo de muita conversa com a direção, com colegas, e é parte de um diagnóstico
162 mais global de que estamos atravessando um período muito delicado da história da
163 universidade e da faculdade, em especial. Da universidade porque nós estamos vivendo um
164 período de crise, mas ao mesmo tempo há um projeto, e este projeto ficou bastante explícito no
165 relatório *McKinsey* – que o pessoal da Adusp finalmente teve acesso e que está sendo analisado
166 -, e a universidade, ao que tudo indica, decidiu avançar de forma mais profunda nesta direção,
167 que é de ‘qualificar’ a universidade para competir por esses *rankings* internacionais,
168 priorizando determinadas áreas – e essas áreas normalmente são áreas consideradas de
169 excelência, áreas mais técnicas, o que implicaria, por exemplo, em uma espécie de
170 redistribuição de orçamento -, e nesse sentido as humanidades perdem muito com este tipo de
171 expediente. Não é a toa que o orçamento na faculdade, como a Arminda tem insistido, é
172 declinante. Isso não é aleatório: nós estamos em um período de ajustes da universidade, no qual
173 as humanidades estão sendo mais prejudicadas. Então, isso tudo reforça a nossa disposição em
174 construir uma unidade dentro da faculdade, exatamente para enfrentar esse tipo de processo, e
175 avançar no sentido de disputar, propriamente, espaço dentro da universidade. Nós entendemos
176 também que a faculdade está passando por um processo muito importante de mudança - que vai
177 em uma direção contrária a essa que a reitoria está apresentando para a universidade de uma
178 maneira geral -, que é de aprofundar a democratização da faculdade e da universidade. Então,
179 os dados apresentados pela professora Arminda sobre as cotas vão nesta direção, o que coloca
180 também uma série de desafios para nós. E esses desafios terão que ser enfrentados também,
181 novamente, com muita unidade, com muito diálogo e disposição, para que trabalhemos
182 conjuntamente. Este é o diagnóstico. O problema que nós percebemos é que, apesar destas
183 tarefas e destes desafios estarem muito claros na nossa frente, ao mesmo tempo nós
184 identificamos que a faculdade está muito desgastada, muito dilacerada e tumultuada, e isso nos
185 prejudica enormemente, quer seja no *front* externo – que é exatamente enfrentar este projeto
186 que a universidade desenhou, através destes mecanismos opacos, do ponto de vista acadêmico e
187 administrativo -, quer seja no desafio interno, ou seja, preparar a faculdade para este processo
188 de democratização que nós estamos vivendo. Então, a ideia de que haja uma discussão a
189 respeito do que fazer em situações tumultuadas, como estas que nós estamos atravessando,
190 também reconhecendo o direito de greve, reconhecendo que somos uma unidade que vive do
191 RDI-DP, reconhecendo que nosso público é mais popular e, conseqüentemente, mais sensível a
192 essas demandas materiais e agendas, em alguma medida, de ordem sindical. Nós reconhecemos
193 isso tudo e entendemos que é necessário o estabelecimento de procedimentos pactuados,
194 capazes de garantir os patamares mínimos de coexistência dentro da faculdade em momentos
195 de greve, de conflito, e que esses patamares mínimos sejam respeitados por todos. Para isso,
196 nós entendemos que seja necessária a elaboração de uma grande proposta, e essa proposta tenha
197 a chancela, propriamente, da Congregação. Isso porque se mostrou pouco produtivo os
198 expedientes via departamento, logo, nós entendemos que seja necessária uma política para a
199 faculdade como um todo, e esta política só pode ser elaborada no âmbito da Congregação,
200 evidentemente, utilizando-se do recurso do grupo de trabalho, das plenárias e dos mecanismos
201 democráticos, que estimulem o diálogo e o envolvimento de todos os setores da faculdade neste
202 processo de composição de uma unidade. O professor André costuma utilizar a expressão de
203 uma maioria, não é? Precisamos de uma maioria que nos fortaleça, e não nos enfraqueça. Esse
204 foi o espírito da proposta da semana passada. Eu acho que é um pouco isso que eu poderia dizer

A T A S

205 agora.”. **Prof. André Singer:** “Boa tarde a todas e todos. Eu queria começar pedindo
206 desculpas, porque eu vou ter que falar e sair. Eu tinha compromissos marcados quando foi
207 decidida esta Congregação – e eu nem poderia estar aqui na verdade -, mas eu remanejei o que
208 foi possível para poder vir, em função de eu próprio ter complementado a proposta do professor
209 Ruy. Eu queria me ater a um aspecto com o qual o professor Ruy terminou sua fala, que é a
210 questão da natureza deste grupo de trabalho. Eu acho que é importante que a gente entenda que
211 não é uma comissão, é um grupo de trabalho, ou seja, não é deliberativo. Eu acho que nós
212 deveríamos decidir que este grupo não vota, para que nós saíamos imediatamente de problemas
213 do tipo, se ele é paritário ou não, por exemplo. O mais importante é que este grupo expresse as
214 diferentes posições da faculdade, que nós sabemos que existem aqui. Essa proposta do
215 professor Ruy, se eu entendi bem, está relacionada com o que aconteceu especificamente no
216 departamento de filosofia, que trouxe aqui, já na outra vez, uma proposta: se contrapropôs um
217 esforço de diálogo, porque, na verdade, nós chegamos ao limite da ruptura. Portanto, este grupo
218 de trabalho é um espaço de diálogo, para ver se nós conseguimos chegar a uma proposta
219 comum, proposta essa que é um avanço, da ideia de que nós temos que ter um protocolo para
220 essas situações, que vem se repetindo ao longo de muitos anos e que, infelizmente, poderão se
221 repetir, porque não está sobre nosso controle a vida social do país, que se reflete,
222 evidentemente, na universidade e na faculdade. Então, o que se propôs – e aqui eu queria
223 reiterar, porque foi um compromisso que eu assumi pessoalmente – é de que o grupo não seja
224 uma manobra protelatória, mas sim de um esforço consciente deste coletivo, que é a faculdade,
225 representada na sua Congregação, de tentar encontrar um protocolo comum para estas situações
226 daqui para frente. Mas e se não encontrar? O grupo de trabalho apresenta à Congregação as
227 propostas que lá apareceram, dizendo que não houve acordo. A Congregação é que vai ter que
228 enfrentar o problema de tomar uma decisão, não o grupo de trabalho. A Congregação é
229 soberana, mas eu acho que vale a pena o esforço para tentar ajudar a Congregação, tentando
230 construir uma proposta prévia. Para que este esforço seja produtivo, é muito importante o
231 engajamento de todos no grupo de trabalho, que pode até ser aberto. Não há aqui uma disputa
232 pelo grupo, e quanto mais posições tiverem dentro dela, melhor. O problema é que as pessoas
233 que forem precisam se engajar no trabalho, e não pode ser cada vez uma pessoa diferente,
234 porque desta forma o trabalho não continua. Precisam ser pessoas determinadas, que estejam ali
235 para tentar construir uma proposta comum. Isto não quer dizer que vai ser possível, mas quer
236 dizer que iremos tentar construir uma proposta comum. Então, o grupo de trabalho é
237 meramente um espaço de diálogo. Eu havia pensado que fizéssemos alguns convites, para que
238 viessem estudantes e funcionários, além de professores, com as posições mais diferentes, que as
239 mais extremadas possíveis estejam ali – e também as não extremadas, evidentemente -, que
240 todas as posições estejam ali. O professor Ruy me contou que os estudantes preferem indicar.
241 Eu não vejo nenhum problema. O problema estaria em que, quem quer que seja, que se
242 comprometa a estar lá, e estar continuamente, porque eu acho que há uma experiência em que,
243 no final, você não sabe com quem mais está conversando, e isso faz com que o trabalho seja
244 esvaziado. Eu repito: se o grupo de trabalho não der resultados, simplesmente a Congregação
245 irá se ver com o problema de ter que tomar uma decisão. Então, eu acho que tem que ficar claro
246 que nós estamos fazendo um convite: aberto, honesto e de diálogo. Se os estudantes e os
247 funcionários não quiserem participar, de fato, se não quiserem estar presentes por meio de
248 pessoas que se comprometam em participar, esses grupos podem indicar representantes
249 docentes, desde que os pressupostos de presença e dedicação sejam seguidos. Nós iremos
250 verificar, na prática, quem estará lá comprometido a levar isso tudo a diante, de modo que
251 possamos pelo menos tentar. Eu havia sugerido que marcássemos uma primeira reunião para
252 segunda feira, para começarmos os trabalhos, e eu perguntei à Rosângela e parece que nossa
253 Congregação será dia 23 de agosto. Esse grupo de trabalho não tem por objetivo discutir a
254 situação atual, que eu espero que se resolva rapidamente, mas sim se aplicar sobre o futuro,
255 para propor um protocolo daqui para frente. Obrigado.”. **Prof. Luiz Repa:** “Boa tarde a todas e

A T A S

256 todos, eu gostaria, na verdade, de ler uma nota dos professores do departamento de filosofia:
257 *‘Depois de duas reuniões durante esta semana, para abordar a proposta de criação de uma*
258 *comissão ou grupo de trabalho, contando com a representação de todos os setores para*
259 *discutir um possível pacto, protocolo, compromisso à respeito de regras de convivência em*
260 *períodos de greve, os professores do departamento de filosofia manifestam seu inteiro apoio à*
261 *formação desta comissão. Consideramos que essa comissão, ou grupo de trabalho, deve*
262 *elaborar conceitos e parâmetros sobre as ações ilegítimas e abusivas durante os períodos de*
263 *greve, assim como discutir as consequências acadêmicas para o caso de rompimento do pacto*
264 *pelas partes envolvidas. Consideramos bastante positiva a proposta do centro acadêmico do*
265 *curso de ciências sociais a respeito da realização de várias rodadas de discussão sobre essas*
266 *regras, visando à participação mais democrática possível das partes concernidas. Também*
267 *consideramos positiva a ideia de que as reuniões da comissão, ou grupo de trabalho, sejam*
268 *transmitidas ao vivo, e que as gravações possam ser acessadas por todos os concernidos.*
269 *Acrescentamos a necessidade de criarmos um calendário para determinar o prazo limite das*
270 *atividades da comissão e também um prazo para a votação da proposta definitiva sobre o*
271 *pacto. Sugerimos que isso aconteça até abril de 2019, de modo que os calouros do próximo*
272 *ano também possam fazer parte deste processo. Por fim, sondamos a disposição desta direção,*
273 *da Congregação, para tentar encerrar um ciclo vicioso de ações abusivas que têm prejudicado*
274 *gravemente as atividades fins da faculdade. Mais uma vez nós, professores do departamento de*
275 *filosofia, expressamos o respeito ao direito de greve, mas repudiamos ações abusivas que não*
276 *só afetam profundamente a vida acadêmica, mas também tornam contraproducentes as*
277 *próprias greves, uma vez que essas ações abusivas tem tido por resultado o esvaziamento dos*
278 *prédios didáticos e impedido a promoção do diálogo’.* Obrigado.”. **Diretora:** “Obrigada
279 professor. Pelo que eu percebo, veja se eu entendi bem, o departamento de filosofia propõe um
280 calendário mais longo. Na verdade, é preciso que nós tenhamos em um tempo mais curto
281 algumas decisões sobre isso, menos em função de conseguirmos estabelecer alguns acordos –
282 que eu espero que sejamos capazes – e mais em função de conseguirmos lidar com o
283 fechamento dos prédios. A direção tem algumas sugestões para serem discutidas aqui. Tem
284 uma sugestão do professor André Singer, que é dos estudantes indicarem seus representantes
285 neste grupo, que não seria paritário e nem deliberativo, não votaria. Enfim, eu refleti muito
286 depois do último Conselho Universitário. Fiquei pensando que quando os professores são
287 chamados de casta de parasitas, isso quer dizer que se considera que os professores são inúteis
288 em uma universidade. Nós estamos chegando a este ponto. Logo, este chamamento ao diálogo
289 é uma tentativa de fazer com que nós, em conjunto, possamos construir as nossas próprias
290 soluções. **Gabriela Macedo – representante discente Filosofia:** “Boa tarde a todos e todas,
291 meu nome é Gabriela, eu sou representante discente do curso de filosofia, e eu trago comigo
292 um posicionamento tirado pelos estudantes do curso de filosofia na última assembleia, que foi
293 segunda feira. Eles discutiram muitas das pautas que foram discutidas aqui na última
294 Congregação e tiraram um posicionamento conjunto, de quem estava presente na assembleia, e
295 pediram para que eu trouxesse e lesse para vocês: *‘Em Assembleia no dia 04/06, os estudantes*
296 *de filosofia presentes decidiram por entrar em greve e pelo piquete como forma de garantia do*
297 *seu direito de greve. Não se trata, nesse primeiro momento, de entrarmos no mérito da*
298 *efetividade ou não do método, desdobrando os efeitos causais do piquete e de avaliarmos em*
299 *que medida ele é ou não favorável a conquista das nossas pautas. Isso é algo que cabe,*
300 *primeiramente, a própria categoria fazer. Temos, antes, que darmos um passo atrás quanto*
301 *aquilo que diz respeito a nós – estudantes – enquanto categoria. O piquete, assim como outros*
302 *métodos, como as ocupações, são métodos decididos por estudantes em seu fóruns*
303 *democráticos de discussão e deliberação. Nesse fóruns, estudantes decidem, por um processo*
304 *de participação direta, pelo método que irão empregar para realizar seu processo de*
305 *mobilização e a conquista de suas pautas. Esses métodos não podem ser colocados em questão*
306 *simplesmente porque uma outra “categoria” decide pela não legitimidade da ação dos*

A T A S

307 *estudantes em decorrência de infortúnios institucionais que elas causam, principalmente se*
308 *essa decisão é feita em instâncias hierarquizadas e em reuniões noturnas às portas fechadas.*
309 *Decisões como essas são formas de ferir a autonomia política de estudantes e das decisões que*
310 *são tomadas em seus fóruns democráticos divulgados amplamente. Trata-se aqui, antes de*
311 *tudo, portanto, da nossa autonomia enquanto corpo político para decidirmos sobre nossos*
312 *métodos de luta e de garantia de nosso direito de greve. É necessário enfatizar, além desse*
313 *primeiro argumento formal, que esses métodos são historicamente empregados por estudantes*
314 *em suas mobilizações, assim como por demais categorias. No caso dos estudantes, a*
315 *mobilização estudantil, que contou muitas vezes com sua aliança com demais categorias,*
316 *principalmente trabalhadores organizados em classe, teve historicamente uma importância*
317 *enorme na luta pela Universidade Pública e contra um sistema de dominação. Num esforço de*
318 *rememoração, podemos evocar não só a batalha da Maria Antônia, a luta contra a ditadura,*
319 *as Ocupações do Crusp, mas também a greve de 2002 que resultou na contratação de*
320 *professores, a de 2007 que conquistou mais um bloco de moradia e que barrou os decretos do*
321 *então governador José Serra, a Ocupação da SAS contra o machismo institucional em 2016, a*
322 *greve do mesmo ano por cotas, a ocupação da Creche Oeste, que ainda resiste ao projeto*
323 *devastador de conversão da Universidade numa organização empresarial. A greve, que então*
324 *realizamos, não foi feita sem precedentes. Tentamos passar em salas, apesar de apenas uma*
325 *professora ceder espaço, para discutir nossas pautas e a greve. Também mandamos, após*
326 *aprovarmos a greve, emails chamando para a construção conjunta de atividades com os*
327 *docentes. Contudo, não recebemos um email de resposta, a única resposta dada foi o*
328 *descadeiraço e seu respectivo manifesto. A greve é, então, o ponto limite no qual o inaudível se*
329 *esforça por formular uma enunciação e se fazer ouvir. É o ponto limite de uma experiência de*
330 *precarização, exploração e repressão, que já não é mais tolerável. Assim, a greve é o meio*
331 *pelo qual conseguimos nos fazer ouvir após tentativas frustradas pela verticalidade da*
332 *estrutura de poder Universitário. E a greve, que pressupõe interrupção da normalidade e*
333 *paralisação, só tem sido possível na FFLCH, e mais especificamente na Filosofia, a partir do*
334 *cadeiraço, já que nossa decisão estudantil não é respeitada. Professores dizem respeitar o*
335 *direito de greve, mas continuam suas aulas, suas avaliações e atividades normalmente. Como*
336 *fazer greve se tudo continua como está? Se a decisão por parar as atividades não é*
337 *respeitada? O cadeiraço não seria necessário se houvesse esse respeito real pelo nosso direito,*
338 *como ocorre na FEUSP, por exemplo, por parte de docentes. Nos impressiona que a*
339 *preocupação seja menos com a explicitação dessa dimensão do intolerável da experiência*
340 *cotidiana do que com um empilhado de cadeiras e de patrimônios. O que nos parece é que*
341 *para um conjunto de professores, pois, claro, há aqueles que se solidarizam com a gente,*
342 *principalmente as professoras, a situação está tranquila e tudo pode continuar como está,*
343 *mesmo seus estudantes não tendo onde morar, como comer, como ter atendimento médico, sem*
344 *ter creche para colocar suas crianças, enfim, sem ter como permanecer na Universidade. E*
345 *nos impressiona mais ainda que a reação ao empilhado de cadeiras envolva uma mobilização,*
346 *que não houve em defesa das nossas pautas, pela repressão, alinhando a nossa faculdade aos*
347 *dispositivos de controle e repressão da Universidade, que desagua da reitoria e agora nos*
348 *atinge: recebemos, por email, ameaça de processo administrativo, foi ordenado que docentes*
349 *relatassem estudantes que estão em greve; tiraram fotos e filmaram a ação de estudantes; e*
350 *agora querem colocar o piquete na ilegalidade a partir de um protocolo. Essas ações de*
351 *retaliação contra grevistas não são de hoje, e na filosofia há um histórico. Perguntamos,*
352 *novamente, onde está o respeito pelo nosso direito de greve, se o que se apresenta é: ou*
353 *pacificar a greve de modo que não atrapalhe o funcionamento normal das atividades ou punir*
354 *e reprimir estudantes? Assim, repudiamos qualquer tentativa de passar por instâncias*
355 *hierarquizadas, em que estudantes e trabalhadores são subrepresentados, como é a*
356 *Congregação, e descolada da base e dos fóruns democráticos das categorias, propostas que*
357 *ferem o direito de greve e a autonomia política. Manifestamos nossa adesão à realização de*

A T A S

358 *fóruns públicos abertos e paritário das três categorias, mas respeitando os fóruns de cada*
359 *categoria, como forma de realização do princípio da democracia direta como estruturante da*
360 *experiência política. E, por fim, enfatizamos nossa disposição para reunião de negociação das*
361 *nossas pautas específicas, que, apesar do discurso de abertura ao diálogo, foi recusada.*
362 *Assinado, estudantes do curso de Filosofia em assembleia estudantil.’. Muito obrigado.”.*

363 **Diretora:** “Gabriela, apenas um esclarecimento: ninguém da direção recusou o diálogo, e nem
364 surgiu da direção ameaça a nenhum aluno, nem pedidos para que pessoas sejam identificadas –
365 isso nunca aconteceu. O que a direção cumpre, cumpriu e cumprirá são as determinações de
366 seus órgãos superiores. Vamos dialogar, como de fato estamos fazendo, desde que este diálogo
367 possa ser aberto. Então, a direção irá cumprir isso, porque não depende da vontade de nenhum
368 professor ou de nenhum diretor, isso é decisão dos dois órgãos máximos da faculdade, que são
369 a Congregação e o CTA. Nós dialogaremos desde que haja livre circulação dos espaços. O
370 empilhar de cadeiras e patrimônio é o patrimônio da sociedade, que é permanentemente
371 estragado e tem que ser repostado com os recursos da sociedade. Ademais, as pautas sempre são
372 legítimas, quaisquer que elas sejam e de onde elas venham, todavia, é preciso fazer uma
373 avaliação política quando estas pautas ficam circunscritas e enfraquecem exatamente as
374 instituições que encarnam certas pautas. Não adianta vocês desconhecem que a faculdade de
375 filosofia, letras e ciências humanas é uma instituição da Universidade de São Paulo, que nós
376 somos uma parte dentro de um todo muito maior. Nem a Educação está em greve, porque eu
377 estive lá, na posse do diretor da Educação. O reitor estava presente, o vice-reitor e todos os pró-
378 reitores. Foi no anfiteatro da Faculdade de Educação, e eu fui representando a nossa faculdade,
379 porque, inclusive, a Educação nasceu dentro da faculdade de filosofia. Essas coisas estão
380 enfraquecendo exatamente as instituições que são instituições de vanguarda, como é a
381 faculdade de filosofia, no sentido das pautas sociais. Nós precisamos enfrentar como é que nós
382 vamos avançar com nossas pautas sociais, e os recursos públicos são disputados politicamente
383 – o orçamento público é um orçamento político. Nós temos que mostrar a força das nossas
384 pautas e da nossa comunidade, e isso implica sim certo respeito aos direitos alheios, ao
385 patrimônio público. Com que recurso vocês acham que a faculdade está pintando o prédio da
386 geografia e história? Não é da reitoria; e ele foi pixado ainda com a tinta fresca – um prédio
387 tombado pelo patrimônio. Consciência pública e social é ter respeito a isso tudo.”. **João Borghi**

388 **– representação funcional:** “Boa tarde. Em primeiro lugar eu gostaria de parabenizar os
389 estudantes da filosofia pela clareza com que colocaram seus métodos, apresentaram suas
390 decisões, e as motivações dessas decisões. Enquanto funcionário, em diversos aspectos nós
391 somos bastante contemplados também pelo fundamento, do porque nós temos que nos valer de
392 um método ou outro, a depender de como é a abertura ou não ao diálogo, de como é a
393 possibilidade de efetivar o nosso direito, etc. Eu queria fazer um esclarecimento: foi
394 mencionado várias vezes aqui que nosso representante de funcionários no Conselho
395 Universitário chamou os professores da Universidade de São Paulo de parasitas. Eu não vi essa
396 fala do nosso colega – um funcionário aqui da faculdade, inclusive -, mas eu tenho certeza que
397 ele estava se referindo aos membros do Conselho Universitário, não aos professores, em geral,
398 da USP. E essa é nossa opinião a respeito do Conselho Universitário. Em relação a qualquer
399 possibilidade de protocolo, o que está em pauta é, essencialmente, os métodos dos estudantes,
400 mas do nosso ponto de vista – e isso está colocado de uma forma bastante parecida na carta dos
401 estudantes de filosofia -, os funcionários da faculdade não vão se submeter a nenhum tipo de
402 interferência nas nossas decisões de como nós vamos lutar pelos nossos direitos, dentro e fora
403 da faculdade. E nós já deliberamos isso em diversas assembleias da faculdade, que nós vamos
404 apoiar a autonomia dos estudantes também defenderem os seus métodos nas suas assembleias,
405 que para nós são os fóruns mais democráticos da faculdade, os espaços em que realmente existe
406 o diálogo e a superação de divergências. Então é isso, somente para registrar nossa posição.”.

407 **Prof. Ruy Braga:** “Na realidade o GT não é, em essência, para atacar o direito de nenhuma
408 categoria – ou auto intitulada categoria profissional – de fazer aquilo que eles acharem que

A T A S

409 devem fazer, e muito menos atacar o direito de greve. Nós estamos partindo de um suposto que
410 é exatamente este: ocorrerão greves nesta faculdade. Então, o que nós estamos tentando, na
411 verdade, é avançar em uma forma de convivência, no âmbito de uma situação de conflito. Ou
412 seja, como nós podemos conviver. Essa convivência passa, entre outras coisas, na minha
413 opinião, por aquilo que, jocosamente, em uma conversa com um estudante, eu chamei de
414 ‘modelo faculdade de educação’. Ou seja, começou uma greve? Os professores se reúnem com
415 funcionários e estudantes para estabelecer pactos. É um pouco isso que eu vejo em unidades
416 que têm greve, mas que não tem, por exemplo, ‘cadeiraços’. Eu não estou aqui deslegitimando
417 o método do ‘cadeiraço’ – não é esse o ponto -; eu acho que tudo aquilo que for apresentado de
418 forma democrática para a universidade, para a faculdade em especial, pode ser passível de
419 implementação ou utilização. O que eu estou dizendo é algo mais elementar, e muito mais
420 simples: nós não podemos partir destes métodos, que são os mais radicais, tendo superado ou
421 queimado as etapas do diálogo. É simplesmente isso. Nós precisamos partir do diálogo. E partir
422 do diálogo significa definir certos procedimentos. O que nós vamos conversar? Sobre quais
423 pontos nós podemos falar? Até onde estamos dispostos a ir? Isso tudo me parece que não
424 atinge, em absoluto, nenhum direito e, principalmente, o direito de greve. Haverá greve nesta
425 universidade, esse é nosso ponto de partida. Mas nós precisamos também, no âmbito da
426 faculdade, reconhecer que direitos estão sendo atacados – e não é por parte dos professores.
427 Então, como estabelecer um campo mais ou menos pacificado, para que esta faculdade avance
428 de forma unida? Nós chegamos a um ponto de inflexão: ou nós - como faculdade de filosofia,
429 letras e ciências humanas – tomamos as rédeas, estabelecemos um compromisso, acertamos
430 procedimentos, criamos um pacto e definimos protocolos, ou então o futuro desta faculdade –
431 pelo menos da maneira como ela existe hoje – estará seriamente ameaçado, por forças externas
432 e internas. Se nós não tivermos, de fato, consciência disso, é porque a partida já foi perdida. Ou
433 nós retomamos as rédeas e colocamos a faculdade em um caminho do diálogo, ou nós teremos
434 queimado o melhor projeto de defesa da faculdade pública, gratuita, democrática, de qualidade,
435 engajada e cidadã que este país já teve. Esta faculdade representa isso tudo. E se nós não
436 conseguirmos estabelecer um padrão mínimo de convivência aqui dentro, nós estaremos
437 colocando em risco este patrimônio, que é um patrimônio chave para a sociedade brasileira –
438 nós temos que ter esta consciência. Essa faculdade representa muito para a democracia no país,
439 e ou nós defendemos este legado ou então nós estaremos oferecendo todo o terreno para nossos
440 adversários. É esse o chamado. Estamos ou não estamos à altura disso?”. **Diretora:** “Eu só
441 queria acrescentar uma coisa: vocês tem, estudantes e funcionários – que são mais refratários a
442 esse diálogo -, uma direção totalmente aberta ao diálogo, as chefias abertas ao diálogo,
443 representantes de professores que têm concepções de universidade abertas, e é nesse registro
444 que eu entendo essa frase do professor Ruy Braga: ‘*nós precisamos dizer se estamos à altura*
445 *disso*’. Complementando, a faculdade tem feito um esforço notável com as políticas de
446 acolhimento e inclusão. O Pleia da faculdade vai conceder um conjunto de muitos monitores,
447 em um curso avançado de inclusão, que é de leitura e redação. Essa faculdade precisa de
448 recursos externos para poder manter estes programas, porque eles precisam ser ampliados. Eu
449 dei dados para vocês sobre estudantes cotistas. Nas letras, é 82%. No resto, é tudo perto de
450 60%. Aí fica muito fácil ouvir que é preciso uma autonomia de decisões de um corpo político,
451 quando este corpo político não está pensando esse conjunto. Política é a arte do diálogo, do
452 entendimento, da construção de consensos possíveis, porque se não é a guerra de todos contra
453 todos – é o estado da natureza -, vocês sabem disso.”. **Raquel Reis – representante discente**
454 **Ciências Sociais:** “Boa tarde a todos, meu nome é Raquel, sou representante suplente do curso
455 de ciências sociais. O nosso curso realizou uma assembleia na última terça-feira, nós
456 debatemos o que foi discutido na última Congregação, do dia 21, e nós gostaríamos de
457 apresentar algumas propostas para o GT, tendo em vista que, em nossa compreensão, o GT foi
458 proposto como sendo paritário entre as três categorias, e que haverá cinco representantes
459 discentes, cinco funcionários e cinco docentes. Tendo isso em vista, temos algumas propostas,

A T A S

460 que enviamos a todos os membros e membras da Congregação por *email*. Tendo em vista
461 também que o GT pode ter uma tarefa importante de organizar o debate entre as três categorias,
462 para extravasar as demandas e polêmicas que existem entre nós, nós achamos que, mesmo
463 assim, ele não deve fechar-se em si mesmo e nem deve formular um protocolo que seja
464 aprovado diretamente na Congregação da FFLCH, sem um debate público e aberto
465 anteriormente. Nesse sentido, gostaríamos de apresentar as seguintes propostas: ‘1) *Que tenha*
466 *ao menos um fórum aberto mensal, com pauta pré-definida pelo GT, amplamente divulgado*
467 *para as três categorias pelo email institucional e outras vias; 2) *Que as atividades da*
468 *faculdade estejam suspensas durante o horário dos fóruns abertos, para permitir ampla*
469 *participação de todas as categorias; 3) *Que os fóruns abertos sejam gravados e divulgados no*
470 *site da faculdade, para ampla visualização, e como documentação pública do debate; 4) *Que*
471 *qualquer proposta formulada pelo GT seja apresentada e aprovada em um fórum aberto, antes*
472 *de ser encaminhada para a Congregação; 5) *Que as reuniões do GT sejam filmadas e também*
473 *as atas sejam divulgadas pelo site da faculdade, assim como são com as Congregações.*’. Estes
474 são alguns mecanismos que pensamos para que o GT pudesse também cumprir um papel de
475 debate entre as três categorias, tendo em vista que, em um primeiro momento, nós precisamos
476 reestabelecer relações de confiança, extravasar algumas demandas que precisamos compartilhar
477 entre nós. É fundamental ter um processo de debate público antes que qualquer protocolo ou
478 proposta vá à Congregação. Nós achamos que, até pelo pouco tempo que tivemos da última
479 Congregação para cá, nós não tivemos tanto tempo para digerir uma proposta de GT, mas nós
480 queremos trazer estas cinco propostas para a sua composição e organização. Obrigada.”.****

481 **Diretora:** “Obrigada Raquel. Já devo adiantar para vocês que estamos nesta urgência para que
482 a faculdade não faça o que faz historicamente: constitui comissões de longo prazo, e tudo fica
483 como dantes. Segunda coisa, o GT tem que ter um determinado formato, se for assembleia não
484 vai funcionar. Ele pode sim, depois de formular as propostas, apresentar – e será filmado.”.

485 **Prof. Paulo Martins:** “A direção pensou e acatou a sugestão de alguns nomes - que esta
486 Congregação tem absolutamente todo o direito de vetar integralmente, parcialmente, enfim –
487 para que façamos o convite para compor este grupo de trabalho inicialmente. Pelo que entendi,
488 a partir da reunião passada da Congregação, eu, Ruy e André estaríamos na coordenação deste
489 GT, no sentido de um substituir o outro, para coordenar os trabalhos. Me parece bem razoável
490 isto, haja visto as demandas administrativas que cada um de nós têm. Lembrando que estamos
491 tentando contemplar pessoas absolutamente antagônicas, para garantir a pluralidade. Então,
492 iremos convidar os professores Ricardo Terra, Osvaldo Coggiola, Valéria de Marco, Jorge de
493 Almeida, Luiz Repa, Heloísa Buarque, Eduardo Giroto, Sueli Furlan e Marcia Lima. São estes
494 nomes, em princípio. Antes de irmos adiante nesta discussão, eu pergunto a essa Congregação
495 se existe algum docente que deseja compor a comissão.”. **Gabriela Jannini:** “Eu indico a
496 professora Paula Marcelino, do departamento de sociologia, e a professora Marta Marques, da
497 geografia.”. **Prof. Luiz Repa:** “Eu gostaria de sugerir o nome do Roberto Bolzani.”. **Gabriel**
498 **Delatin – representante discente História:** “Como só tem o nome de história, que é o Osvaldo
499 Coggiola, eu gostaria de solicitar que, caso haja desistência, colocar na segunda lista o nome da
500 professora Ana Paula Megiani.”. **Diretora:** “Não será possível, pois ela vai para o exterior e
501 pediu licença. Seria ótimo o nome dela, porém tem este detalhe.”. **Gabriel Delatin:** “Por um
502 caso de contingência, então, eu indico o nome da professora Gabriela Pellegrino.”. **Prof. Paulo**
503 **Martins:** “Então, agora, eu suponho que a Congregação acata esses nomes, para que sejam
504 realizados os convites, certo? Perfeito.”. **Prof. Ruy Braga:** “O passo imediatamente posterior
505 diz respeito ao *modus operandi*, principalmente de princípios que organizem esse *modus*
506 *operandi*. Quer dizer, no espírito daquilo que o André havia adiantado, nós entendemos que é
507 importante que essa comissão seja paritária, para que haja um equilíbrio entre as diferentes
508 categorias e que elas se sintam amplamente representadas, refletindo assim uma unidade dos
509 três setores, que sejam feitas plenárias – e eu estou sugerindo três plenárias ao longo do
510 segundo semestre -, e que essas plenárias sejam não apenas amplamente divulgadas,

A T A S

511 publicizadas, que nós, de fato, nos empenhamos na boa concepção dessas plenárias, mas
512 também que elas possam analisar os pontos que serão apresentados pelo GT antes de trazer
513 para a Congregação deliberar.”. **Diretora:** “Na minha opinião, duas plenárias são o suficiente,
514 porque se nós fizermos totalmente paritário, são trinta e três pessoas...”. **Prof. Ruy Braga:** “Na
515 verdade, são cinco titulares, então seria um GT de quinze pessoas – que eu acho excessivo, mas
516 pelo tamanho da faculdade e pela necessidade de contemplar todos os prédios, cursos,
517 departamentos e centros acadêmicos – e, ao mesmo tempo, nós precisamos levar em conta que
518 muito da nossa vida propriamente acadêmica ocorre nos prédios, o que significa que nós
519 somos, de alguma maneira, centralizados no prédio do vão, então seria razoável que ocorressem
520 plenárias em cada um dos prédios, para que as pessoas possam, de fato, participar. Daí surgiu o
521 número três, que saiu da minha cabeça, no sentido de que eu estou propondo, mas não é
522 totalmente arbitrário, porque me parece que três plenárias contemplam os três prédios. Seria
523 algo tranquilo de se fazer.”. **Gabriela Macedo:** “Me preocupa somente uma questão: é muito
524 claro para todos aqui presentes que a Congregação é composta, em sua grande maioria, por
525 professores, e isso é um fator a ser considerado na votação das propostas, pois serão
526 basicamente os professores que irão decidir quais dessas propostas feitas no GT serão ou não
527 aprovadas. Na minha visão, isso dificulta muito o caráter democrático e participativo do grupo
528 de trabalho.”. Em aparte, **Prof. Paulo Martins:** “Veja bem, a partir do momento que você tem
529 uma comissão que é paritária, e a partir desta comissão paritária você tem propostas que são
530 consensuais e você leva para as plenárias, que irão discutir a sistematização dessas sugestões,
531 que estão sendo propostas por uma comissão paritária, aquilo que chega à voto já terá sido
532 amplamente discutido pela faculdade – mais do que democraticamente – e, portanto, refletiria
533 um caráter absolutamente preciso das oposições.”. **Prof. Ruy Braga:** “O fato das propostas,
534 que foram amplamente debatidas nessas diferentes instâncias democráticas, serem chanceladas
535 pela Congregação é um elemento que reforça toda a democracia que foi estabelecida
536 previamente. Ou seja, nós teremos condições aqui de aprovar decisões, e estas decisões – que
537 foram ampla e democraticamente debatidas – terão uma força maior de convencimento de
538 colegas mais ou menos recalcitrantes, e assim por diante. Então, o fato da instância máxima
539 deliberativa da faculdade chancelar é algo importante para fortalecer o processo de decisão
540 democrática.”. **Gabriela Macedo:** “Eu entendo a colocação do professor Paulo, do professor
541 Ruy Braga, mas essas condições que vocês colocam podem acontecer mas podem também não
542 acontecer. O que nós temos garantido é que, independentemente do teor das propostas que
543 chegarão na Congregação, quem irá decidir serão os docentes, e eu ainda enxergo isso como
544 algo complicado.”. **Prof. Paulo Martins:** “Quero dizer, Gabriela, que eu novamente discordo
545 de você, porque se aquela comissão – que é a fonte de todo o material que irá ser discutido nas
546 plenárias, e que será sistematizado ao fim das plenárias – é responsável por trazer até a
547 Congregação uma posição que, seguramente, contempla muito mais as outras categorias do que
548 a categoria dos professores, porque se é paritário no grupo de trabalho, não vejo como os
549 professores serão os últimos a dar a palavra, porque, na verdade, os primeiros a dar a palavra
550 serão os estudantes e os funcionários.”. **Gabriela Macedo:** “A questão é que não existe uma
551 garantia de que deste GT vão sair propostas consensuais – não se pode prever que as discussões
552 resultarão em consensos entre as três categorias -, e a palavra final é da Congregação, e o
553 colegiado da Congregação é composto, majoritariamente, por professores.”. **Diretora:** “Qual é
554 sua incompatibilidade com a categoria de professores, Gabriela? Este órgão representa a
555 faculdade, as propostas virão aqui. O formato regimental da Congregação é este, que é o
556 regimento da faculdade de filosofia e da Universidade de São Paulo. Este é o espaço de
557 decisão, mas isso tudo será amplamente discutido nos GTs paritários, nas plenárias dos três
558 prédios, até chegar aqui. Agora, se essa Congregação é um órgão ilegítimo já de saída, não há
559 mais o que fazer.”. **Gabriela Macedo:** “Não é uma incompatibilidade com os docentes, a
560 questão é que os funcionários e os estudantes estão sub-representados aqui – e é aqui que será
561 decidido o que vai ser aprovado ou não. A Congregação poderia muito bem aprovar uma

A T A S

562 proposta de que as decisões serão feitas em, por exemplo, um fórum deliberativo das três
563 categorias, isso é possível, a Congregação só não se dispõe a tal.”. **Diretora**: “Porque a força
564 dessa decisão ocorrerá quando for legítima, e é a Congregação que legitima.”. **Gabriela**
565 **Macedo**: “Eu só não acredito realmente que esse caráter ‘legítimo’ da Congregação seja tão
566 intocável assim.”. **Diretora**: “Então, se você não acredita, é uma questão de fé. Questões de fé
567 precisam se haver com a norma existente.”. **Gabriela Macedo**: “Sim, professora. Eu só estou
568 colocando uma questão. Como parte da Congregação, tenho direito de fala e posso colocar
569 minha questão. Somente isso.”. **Raquel Reis**: “Foi discutido entre os estudantes a ideia de que
570 as propostas do grupo de trabalho fossem, em última instância, discutidos em fóruns abertos.
571 Como não temos acordo de que é necessário, em última instância, que seja cancelado pela
572 Congregação, acho que nós temos que sair dessa Congregação com o seguinte acordo, e aqui
573 nós temos ata e gravação, que é: o grupo de trabalho é paritário, dentro desse grupo de trabalho
574 nós tentaremos o máximo possível trabalhar com consenso, as propostas apresentadas para as
575 plenárias serão amplamente discutidas e propostas que nós reconhecermos nessas plenárias que
576 são amplamente rejeitadas não deverão ser trazidas para a Congregação depois, e propostas
577 amplamente aprovadas, entre as três categorias, deverão ser trazidas para a Congregação. Nós
578 teremos que trabalhar o bom senso de que quando nós percebermos que existem propostas
579 amplamente rejeitadas por estudantes, funcionários ou docentes, devemos retirá-las e não trazer
580 para a Congregação, porque se não, chegarão na Congregação propostas que funcionários e
581 estudantes não concordam, haverá um problema. E, para concluir, eu acho que o fator que a
582 Gabriela trouxe é o seguinte: se chegarem à Congregação propostas que são amplamente
583 rejeitadas por estudantes e trabalhadores, obviamente, a quantidade de votos dos professores é
584 maior, por isso a questão levantada da desconfiança. Mas, tendo em vista que temos um acordo
585 mútuo de querer estabelecer relações de confiança e que haverá esses consensos no que se
586 refere às propostas, ficará mais fácil de não haver conflitos.”. **Prof. Paulo Martins**: “Raquel,
587 eu acho que você conseguiu sintetizar exatamente a ideia central, proposta na última
588 Congregação pelo professor Ruy e pelo professor André. Ou seja, a ideia de construção de um
589 diálogo. E, portanto, ninguém irá dialogar quando você tem uma posição absolutamente
590 contrária. Na verdade, você tem que ir chegando, pelo diálogo na diversidade, chegar a alguns
591 consensos que consigam, de certa forma, se converter em um protocolo de convivência pacífica
592 e civilizada dentro desta faculdade. Na verdade nós temos que nos unir. Imaginar que, de
593 pronto, nós criamos uma proposta de um GT que, anteriormente, já pressupõe que vai haver o
594 dissenso e que vai haver uma categoria que se sobrepõe à outra, então nós já começamos mal.
595 Se nós quiséssemos isso, Gabriela, nós já teríamos feito outro formato desse GT, mas ele é
596 paritário, e só vai ir à discussão aquilo que for largamente consensual.”. **João Borghi**: “Essa
597 Congregação está falando justamente de reestabelecer o diálogo, mas vocês percebem a
598 dificuldade que os representantes discentes e os funcionários têm para se manifestar e se
599 expressar aqui na frente? O primeiro passo seria o respeito. Inclusive, quando a professora
600 Arminda leu a carta de reivindicações dos estudantes da filosofia, vocês perceberam quão
601 ridicularizada foi essa carta? O mínimo para começar o diálogo nessa Congregação é o
602 respeito, principalmente para com as vozes minoritárias e sub-representadas possam também se
603 manifestar minimamente. Em relação à participação, pelo que eu estou entendendo, a proposta
604 é de um GT paritário, então nós, funcionários, estamos convidados a participar dele também.
605 Quanto a isso, eu não tenho mandado para me posicionar, preciso levar a uma assembleia da
606 nossa categoria, e então nos posicionaremos e, eventualmente, indicar os nomes também.”.
607 **Prof. Paulo Martins**: “João, só um esclarecimento, por favor. Suponho então, que a partir do
608 momento que você leve essa decisão da Congregação para assembleia dos funcionários, você
609 nos dará a resposta acerca da indicação dos dez nomes, suplentes e titulares, ou uma resposta
610 negativa, de que a categoria dos funcionários está abrindo mão da participação nesse GT, é
611 isso?”. **João Borghi**: “Os funcionários da faculdade são bastante céticos em relação a esse tipo
612 de comissão, mas essa proposta será levada e nós iremos discutir e, posteriormente, dar uma

A T A S

613 resposta à Congregação. Nas plenárias, evidentemente nós gostaríamos de participar, já houve
614 várias tentativas no sentido de participar de plenárias unificadas, mas sempre é muito difícil
615 viabilizar a participação dos funcionários, então se realmente for uma plenária das três
616 categorias, que nós pensemos forma de viabilizar isso. A própria Raquel sugeriu a suspensão
617 das atividades para viabilizar a participação.”. **Prof. Paulo Martins**: “Nós estamos colocando o
618 carro adiante dos bois. Primeiro os funcionários precisam aceitar, e depois nós veremos a
619 possibilidade de horário que seja mais adequada a todos.”. **Prof. Luiz Repa**: “A minha questão
620 é especificamente dirigida à representação discente a aos funcionários, mas também para todos
621 na Congregação, em relação à escolha dos participantes por parte dos estudantes e funcionários,
622 já que é evidente – eu tenho acompanhado isso na filosofia – a grande divergência entre grupos
623 de estudantes, inclusive de grupos que não seguem o centro acadêmico - há um grupo que se
624 chama ‘Extra CAF’, enfim. Eu queria saber se esses grupos divergentes vão, de algum modo,
625 participar da escolha, porque eles se queixam muito de terem críticas ao CAF, mas que não têm
626 nenhum espaço para eles em termos de participação.”. **Diretora**: “Isso é importante, porque,
627 segundo o professor André Singer, é preciso que todas as posições estejam representadas.”.
628 **Prof. Paulo Martins**: “Só para completar, eu gostaria de dizer que há de se notar que na
629 listagem proposta dos professores, me parece que há uma pluralidade de posições muito claras.
630 Então, na verdade, para que haja efetivamente uma representatividade dos estudantes e dos
631 funcionários, nós sugerimos que siga um critério que seja semelhante, o de pluralidade de
632 pensamento.”. **Diretora**: “Aí eu gostaria de acrescentar que, no caso de indicações monolíticas,
633 o grupo de trabalho poderá convidar outras pessoas para participar, que representem posições
634 diversas.”. **Gabriela Macedo**: “Em resposta ao que foi colocado pelo professor Repa, em
635 relação, especificamente, esse grupo ‘Extra CAF’, devo dizer que o centro acadêmico de
636 filosofia coloca todas as suas decisões em conjunto, enquanto curso de filosofia, em
637 assembleias estudantis presenciais, porque nós acreditamos que nenhum *email* ou comentário
638 no *facebook*, *blog* ou áudio no *whatsapp* substitua a discussão política presencial, onde todos
639 são obrigados a se escutarem e discutirem. O problema é que alguns desses estudantes ‘Extra
640 CAF’, insatisfeitos, têm certa resistência a ir até a assembleia, então eles querem que as
641 discussões sejam feitas por *email* ou por *blog*. Eu não sei vocês professores, mas eu, enquanto
642 estudante de filosofia, não acredito que um *email* seja melhor para discutir política e
643 posicionamentos do que uma assembleia presencial, então os estudantes da filosofia vão decidir
644 os seus representantes em assembleia estudantil - logo, eu não tenho como indicar ninguém
645 agora -, e aí os estudantes que estão insatisfeitos e querem colocar suas posições para dentro do
646 GT, acho que o mínimo que eles podem fazer é ir na assembleia e se candidatarem para fazer
647 parte do GT.”. **Diretora**: “Nós já tomamos as decisões, eu aceito mais dois ou três inscritos,
648 não mais, até porque a professora Mona precisa dar um informe da Comissão de Graduação. Só
649 quero deixar aqui registrado que indicações monolíticas, que só representam uma tendência,
650 serão analisadas pelo grupo.”. **Prof. Ruy Braga**: “Pelo que eu estou entendendo, na fala da
651 professora Arminda, não haverá diminuição do número de estudantes, mas eventualmente pode
652 ser que outros estudantes sejam convidados.”. **Profa. Maria Clara de Souza**: “Eu acho que
653 não é muito produtivo, neste momento, discutir esse ponto em particular. Eu acho que seria
654 mais interessante, já que estamos utilizando o termo paritário, que cada um dos três setores
655 decidisse a maneira que melhor lhe convém indicar, convidar ou escolher os membros. Eu veria
656 com muita dificuldade que o grupo dos professores dissesse aos alunos ou funcionários como
657 eles devem se organizar; acho que cada um desses grupos tem uma dinâmica muito diferente e
658 cada um deve se organizar da sua maneira.”. **Prof. Ruy Braga**: “Nós não precisamos disputar
659 maioria, se constatarmos que há uma posição única entre os estudantes, nós podemos,
660 inclusive, convidar. Mas isso não é um problema de disputar, é um problema a ser constatado.
661 Vamos esperar primeiro as indicações e depois nós avaliamos.”. **Prof. Paulo Martins**: “Ruy,
662 eu acho que você está coberto de razão e, mais do que isso, gostaria de esclarecer que, naquela
663 primeira discussão, pensávamos em não passar pelos os CAs, passando diretamente para os

A T A S

664 estudantes, justamente por temer que uma tendência apenas ficasse contemplada na
665 representação. Mas veja bem, esse é um problema da organização estudantil e, portanto, diz
666 respeito a vocês. É óbvio que se observarmos que existe um bloco – e aí o exemplo do
667 monolítico é perfeito -, quer dizer, um voto é bloco é absolutamente fechado com as mesmas
668 ideias sempre, isso significa dizer que os estudantes não estão totalmente representados. Agora,
669 veja bem, eu tenho certeza de que isso não irá acontecer.”. **Profa. Maria Clara**: “Sim, mas só
670 para retomar minha fala, a minha sugestão é de que essa decisão fique, justamente, entre as
671 atribuições do próprio GT formado, na sua direção, do professor André e do professor Ruy, e
672 não que nós, aqui na Congregação, determinemos isso.”. **Profa. Rosangela Sarteschi**: “Boa
673 tarde a todos e a todas. Talvez seja uma pergunta já superada, mas para mim não ficou
674 completamente esclarecido. Esse GT tem o objetivo, claro, de pensar o futuro, na reorganização
675 da faculdade, na recuperação de laços que estão rompidos, mas nós temos uma situação
676 urgente, agora, que é a greve dos estudantes e os diferentes bloqueios de salas de aula. Não sei
677 se me escapou, mas não ficou claro para mim o que faremos enquanto coletivo de negociação e
678 diálogo em relação a isso.”. **Diretora**: “A senhora tem razão, professora. Na verdade é o
679 seguinte, Congregação e a direção têm feito um gesto de diálogo. Foi com esse espírito que eu
680 fui falar com os estudantes aquele dia, muito embora não tenha tido muitos resultados. E foi
681 com esse espírito também que a Congregação e o CTA se propuseram a conversar, com
682 algumas condições de conversa. A primeira é a de que os professores possam entrar no prédio
683 de letras. Porém, nós temos uma situação mais urgente. A solicitação das chefias - em uma
684 reunião feita internamente com as chefias de departamento na direção – foi a de pedir o
685 fechamento do ‘JúpiterWeb’, de que ele fosse bloqueado até que chegássemos coletivamente,
686 pensando a faculdade como um todo, a uma decisão, não obstante os departamentos tenham
687 autonomia para isso. Por exemplo, os professores aplicarão avaliação e darão seus conceitos, a
688 direção não interferiu nisso, temos respeitado integralmente a autonomia dos departamentos,
689 isso foi uma solicitação para que nós pudéssemos pensar em conjunto – sobretudo as letras que
690 solicitaram isso. Então, os professores poderão fazer suas avaliações e dar suas notas, terão
691 dificuldade de registrá-las enquanto não chegarmos a uma posição coletiva. Na geografia e
692 história, das informações que eu tenho, as aulas continuaram, praticamente terminou tudo e
693 agora está na semana de conclusão. Nas ciências sociais, o que eu tenho de informação é que
694 muitos cursos já estavam acabando e as avaliações já foram pedidas.”. **Profa. Mona**
695 **Mohamad**: “O que eu vou falar agora é justamente sobre a questão das reposições ou não. Vou
696 começar com uma leitura, para depois tratar de um problema. Dia 21 de junho nós recebemos
697 um ofício – acredito que a diretora também – do professor Edmundo Baracat, o pró-reitor de
698 graduação, que diz o seguinte: *‘Sirvo-me do presente para informar a Vossa Senhoria que*
699 *devido à realização da Copa do Mundo de Futebol de 2018, e em consonância com o*
700 *Expediente encaminhado às Unidades pela Reitoria, as Unidades de Ensino deverão*
701 *encaminhar à Pró-Reitoria de Graduação, o calendário de reposição das aulas do primeiro*
702 *semestre de 2018, referente aos seguintes dias: 22 de junho e 27 de junho. Solicitamos ainda*
703 *que sejam encaminhados também o período de reposição dos dias 28, 29 e 30 de maio,*
704 *referentes à situação de desabastecimento de combustíveis no Estado de São Paulo. (...) Em*
705 *cumprimento ao disposto na Resolução CoG no 7453/2017, que fixou o Calendário Escolar*
706 *dos Cursos de Graduação da USP do ano de 2018, as Unidades de Ensino deverão*
707 *encaminhar até o dia 06/07/2018, o calendário de reposição de modo a cumprir os 200 dias*
708 *letivos previsto na legislação. (...) Informo, ainda, que de posse das repostas a PRG*
709 *providenciará as verificações necessárias e comunicará a todos, a data da abertura do sistema*
710 *Júpiter para registro das frequências e notas do 1o semestre de 2018’*. Então, em relação a esse
711 comunicado sobre as reposições, o grande problema que está ocorrendo agora é isso ter se
712 somado à reposição da greve. História não fez greve e nem paralização, e a professora Ana
713 acabou de me informar que as aulas já estão encerradas; geografia está com *cadeiraço*; letras,
714 filosofia e ciências sociais também. Há uma sugestão de fazer uma reposição dos dias parados

A T A S

715 por conta da greve dos professores, que são doze dias, começou no dia 29 e terminou dia 14.
 716 Como presidente de comissão e professora eu contarei os dias paralisados apenas pela greve
 717 dos professores, que é minha categoria, e diante da presidência eu assumo essa
 718 responsabilidade. Sabendo que reposição não repõe o curso.”. **Prof. Alvaro de Vita:** “Uma
 719 sugestão é que isso seja feito em agosto, o que supõe – caso seja adotado – que o segundo
 720 semestre terá que ser alterado também.”. **Profa. Mona:** “Eu fiz um rascunho sobre o tema, mas
 721 eu deixei muito a vontade que os departamentos decidam porque, afinal de contas, a autonomia
 722 vem de lá. Mas eu tenho duas sugestões. A primeira é que a reposição seja antecipada, ao invés
 723 dele começar dia primeiro de agosto, que possa começar no dia 30 de julho, uma segunda feira.
 724 Se nós começarmos na segunda feira, com doze dias de reposição, nós podemos começar o
 725 segundo semestre no dia 15 de agosto. Se nós começarmos a reposição apenas no dia primeiro,
 726 o segundo semestre começaria no dia 20 de agosto – considerando dez dias de reposição. **Prof.**
 727 **Homero Santiago:** “Boa tarde, gostaria apenas de transmitir, a pedido do professor Luis Repa,
 728 a posição do departamento de filosofia foi exposta em um manifesto, que diz que, por conta do
 729 *cadeiraço*, nós optamos pelo encerramento das aulas. Nós chegamos à conclusão de que o
 730 grande problema que motivava o *cadeiraço* era os impedimentos que existiriam à greve por
 731 conta das aulas. Portanto, nossa posição foi a de encerrar as aulas e, desta forma, desmotivar o
 732 *cadeiraço*. Nosso compromisso foi com o encerramento das aulas e a realização das avaliações
 733 dentro do calendário previsto. Eu consultei os colegas e tanto os que aderiram à ideia de
 734 encerramento das aulas quanto os que não aderiram e entre todos, três colegas apenas irão fazer
 735 reposição, e eles pediram duas semanas, em julho.”. **Profa. Mona:** “Por isso que eu disse que
 736 haveria uma autonomia dos departamentos, também porque muitos professores estarão em
 737 férias agora em julho.”. **Diretora:** “Eu pergunto aos departamentos se nós podemos dar uma
 738 orientação geral, que indique que os professores reporão o período da paralisação dos
 739 professores, e aí os departamentos decidirão se o farão em julho ou no início de agosto.”.
 740 **Profa. Maria Clara:** “Mona, fazer doze dias de reposição em corrido, que é o período que os
 741 professores ficaram em greve, fica um pouco fora do sentido para quem, por exemplo, nos
 742 cursos é estabelecido que houvesse aula semanalmente. Porque na verdade, para estes cursos,
 743 nós precisamos de duas aulas, entende?”. Em aparte, **Profa. Mona:** “Maria Clara, em uma
 744 reposição – se nós retomarmos um pouco o que foi a última reposição – obviamente que cada
 745 chefe de departamento e seu coordenador terá que fazer um calendário próprio.”. **Profa. Maria**
 746 **Clara:** “Isso, aí entra o meu segundo ponto. Eu acho que há muita diversidade de posições
 747 neste sentido, então minha pergunta seria apenas no que nos une, que é o *Júpiter*. Então, quanto
 748 ao sistema, ele permitiria? Quem quiser fazer duas aulas de reposição poderá fazê-lo?”.
 749 **Diretora:** “Uma vez que acertarmos a reposição, o *Júpiter* será aberto.”. **Profa. Mona:** “Nós
 750 podemos negociar as datas. Porém, nós teremos que arcar com as consequências do que
 751 aconteceu aqui desde o dia 29 de maio. Doze ou quinze dias não irão repor o semestre, então
 752 nós teremos que fazer um esforço para que isso seja minimamente remediado. Por exemplo, se
 753 eu precisasse repor seis aulas, isso seria impossível: eu vou repor o mínimo para que não haja
 754 um prejuízo maior do que já houve.”. **Diretora:** “No tocante ao *Júpiter*, professora Maria
 755 Clara, basta a diretoria telefonar para o pró-reitor para que eles abram o sistema no momento
 756 em que precisarmos. Professores paralisaram doze dias, esses dias serão repostos – nos seus
 757 dias respectivos de aula.”. **Profa. Mona:** “Eu esqueci de comentar algo que a professora Ana
 758 Paula me pediu. Os professores da história já finalizaram as aulas e precisam passar notas e
 759 presenças, porque há alunos, inclusive, que são intercambistas, que dependem da Aucani...”.
 760 Em aparte, **Prof. Paulo Martins:** “Vejam bem, existe um protocolo, que já foi utilizado em
 761 outras greves, em que o aluno intercambista tem resguardado, por intermédio da CCInt, a
 762 declaração de nota e a aprovação ou reprovação deste aluno. Então ele não será prejudicado em
 763 hipótese alguma pelo fechamento do *Júpiter*.”. **Profa. Betina Bischof:** “Eu queria falar sobre a
 764 particularidade do prédio, porque se nós deixarmos a reposição a cargo de cada departamento
 765 irá ter um problema de sala. Então, o ideal seria fechar o semestre em conjunto para depois

A T A S

766 começar o outro. Outra coisa, se o *Júpiter* abre e fecha quando queremos será tranquilo porque
767 alguns professores irão combinar datas de entrega de trabalhos somente para quando
768 recommencem as aulas – é o que geralmente se faz no meu departamento. Logo, estes
769 professores terão que pegar, corrigir e depois lançar, então o sistema terá que ficar aberto, se
770 for realmente possível, por um tempo mesmo posterior a esses quinze dias de reposição.”.

771 **Diretora:** “O *Júpiter* abre a qualquer hora, então não haverá nenhum impedimento nisso. Por
772 exemplo, na filosofia, que já começou a semana de avaliação, vocês avaliem, deem as notas e
773 registrem, pronto.”. **Profa. Mona:** “Professora, respondendo à professora Betina, eu, enquanto
774 Comissão de Graduação sugiro uma reposição, mas, obviamente, nós temos um problema
775 muito sério de sala de aula. Na última greve nós tivemos um problema sério. Eu posso mandar
776 via Comissão uma sugestão dessas datas, e eu gostaria que cada chefe de departamento entrasse
777 em um acordo para podermos montar este calendário. Na última greve nós conseguimos fazer
778 isso.”. **Prof. Luis Repa:** “A posição do departamento de filosofia é tentar evitar ao máximo que
779 o segundo semestre seja atingido, porque o estrago ao primeiro semestre já está dado.”. **Profa.**
780 **Maria Clara:** “Eu sugeriria talvez, Mona, realizarmos um subgrupo específico das letras,
781 porque houve muito tempo de *cadeiraço* e é um curso com cinco departamentos.”. **Diretora:**
782 “Então, a decisão dessa Congregação, que essa diretoria assume, é a seguinte: o compromisso
783 da Congregação é repor duas semanas, e os departamentos terão liberdade para fazê-lo.”. **Prof.**
784 **Ruy Braga:** “Não há como. Veja só, eu entendo o que a Mona está dizendo, mas acho que
785 precisamos, na verdade, mudar a escala do acordo. Não dá para fazer acordo entre
786 departamentos, porque no meu prédio há três departamentos, e eu não posso começar o
787 semestre com um calendário, sendo que o semestre anterior não terminou ainda, então
788 precisamos definir um pacto dentro dos cursos. Se os cursos de ciências sociais, filosofia,
789 história e geografia definirem seus calendários, não tem problema. Mas se dependermos de
790 departamentos definindo calendários, teremos problemas. Então é melhor que os cursos
791 definam este calendário – de cada prédio, claro. Porque se não, não teremos condições de
792 alocar as salas de aula conforme a demanda dos diferentes colegas. Então as letras definem o
793 seu calendário, o resto dos cursos o faz também.”. **Profa. Mona:** “Sim, é verdade, devemos
794 pensar por curso. Mas é que no caso das letras, nós temos cinco departamentos, e precisamos
795 começar o ciclo básico também. O que nós precisamos é definir o início do segundo semestre.
796 Se nós fecharmos para o dia 15 de agosto, então os alunos iniciantes não poderão vir antes nas
797 salas de aula, se não nós não teremos espaço, então precisamos conversar muito bem
798 conversado com os chefes de departamento, e os professores terão que acatar, se não será um
799 caos.”. **Diretora:** “Então eu vou resumir novamente: serão duas semanas de reposição – e isso
800 será comum a todos. Em segundo lugar, os cursos definirão seu calendário. Podemos construir
801 uma data limite, para que não haja um prejuízo do segundo semestre; se começarmos a
802 reposição dia 30 de julho, 15 de agosto será a data limite para fechar a reposição, e aí haverá as
803 avaliações. No caso da história e da geografia, que terminaram o primeiro semestre, começam
804 normalmente o segundo semestre em primeiro de agosto.”. **Profa. Mona:** “Professora, a Maria
805 Clara está levantando a questão de que 15 de agosto é uma quarta feira, então sugerimos que a
806 reposição vá até dia 17 de agosto, que é uma sexta feira.”. **Diretora:** “Combinado. Sendo
807 assim, agradeço a todos.”. Ninguém mais desejando fazer o uso da palavra, a Senhora
808 Presidente encerrou a sessão. E, para constar, eu, Rosângela Duarte Vicente, assistente técnica
809 de direção para assuntos acadêmicos, redigi a presente ata que assino juntamente com a
810 Senhora Presidente. São Paulo, 28 de junho de 2018.